

A praça da memória: o cenário das Madres de Plaza de Mayo

E se o mundo sobrevive, os professores de história explicarão o século XX através de seus símbolos: mostrarão a seus alunos a garrafa de Coca-Cola, a bola de futebol, o televisor, o computador, a bomba de nêutron. E para explicar a dignidade, mostrarão o lenço branco das rondas de Plaza de Mayo¹.

Eduardo Galeano.

Maria Fernanda Garbero de Aragão Ponzio

Resumo – Este artigo é uma proposta de estudo acerca do espaço no qual algumas mães que tiveram seus filhos detidos-desaparecidos na última ditadura militar argentina (1976-1983) irão se reunir e serem identificadas como As Mães da Praça de Maio. Tratado como um cenário plural, por convergir agentes que travam com esse lugar distintas relações (passagem, turismo, protestos, entre outras), a Praça de Maio é o palco que abriga há mais de trinta anos, nas tardes de quinta-feira, as *Madres* que marcham e rondam, respectivamente como *Asociación Madres de Plaza de Mayo* e *Madres de Plaza de Mayo – Linha Fundadora*, em busca da verdade, da justiça e da memória. Contra o tempo e ao revés do ponteiro do relógio, elas desfilam com seus lenços brancos, redesenhando uma história que não pode ser esquecida. “Paridas por seus filhos” é discurso emergente das feridas abertas dessas mulheres que, com o desaparecimento forçado de seus entes queridos, saem da esfera privada para desestabilizar e reinventar o espaço público.

Palavras-chave – Memória. Testemunho. Resistência. Discurso Latino-americano Contemporâneo.

Uma praça no centro de uma capital agrega diariamente inúmeros agentes que com seu cenário interagem de maneiras distintas. Mais que uma praça bucólica, uma paisagem estática, o espaço ao qual nos referimos neste momento é marcado por traços de poder e resistência que, há mais de cinco séculos, delimitam e reconfiguram sua cartografia. Conhecida como *Plaza de Mayo*², a praça da capital portenha coleciona histórias e personagens, desenhando um lugar no qual a memória e o esquecimento, assim como a justiça e a impunidade, caminham sobre o mesmo chão.

Frente a essa perspectiva, o estudo da *Plaza de Mayo* e seu importante papel como um espaço onde as mães dos desaparecidos durante a última ditadura militar argentina (1976-1983) adquirem a dimensão política de *Madres*, em pleno regime ditatorial, traz consigo a necessidade de compreensão acerca do termo “memória”. As correlações entre esse lugar de poder e a insurgência memorialística demanda um olhar atento sobre o testemunho de corpos vitimados pela violência do Estado militar.

Em um percurso um pouco distinto ao da socióloga Silvia Sigal, quem considera três espaços dentro dos limites históricos que circundam esse lugar: o da Pátria, o Peronista e o das *Madres*, propostas teóricas que a autora desenvolve em seu livro *La Plaza de Mayo: una crónica* (2006), optamos por pensar na *Plaza* das *Madres* como um espaço simbólico que surge pelo viés da memória. Esta exige reparações e ressemantiza a presença materna, ao atribuir-lhe a luta pela justiça e a conscientização política como um ponto de encontro com seus filhos detidos-desaparecidos.

Sem dúvida, esse espaço representa uma paisagem única para a constituição do movimento das *Madres*, cujo nome provém dele mesmo. Não são “mães” apenas; são as *Madres de Plaza de Mayo*, um termo com valor semântico que remete à resistência, ao enfrentamento às leis ditatoriais e, reiteradamente, à memória. Também associado ao nome da *Plaza*, é acionada a imagem mítica da

Revolução de 25 de maio 1810, quando há o pedido para que o povo se mantenha fiel à Espanha que havia sido invadida pelos franceses e, durante uma semana de conflito, marcada nos dias entre 18 e 25 deste mesmo mês, finalmente os *criollos*³ se reúnem na *Plaza de Mayo* para saber o que acontecia, e é escolhida a “Primeira Junta” como governo pátrio, encabeçada Cornelio Saavedra. Configuram-se, assim, os traçados do palco da luta e do sonho da liberdade. Simbolicamente, as mulheres que nascem nesse cenário como *Madres* não são as mães outrora desoladas; elas se revestem duma imagem cuja ossatura é parida num lugar de contestação.

Desta maneira, o passado surge como um tempo que permite a vivência do corpo, promovendo um diálogo com esse lugar onde o corpo se posiciona em combate. Sobrevivente, ele narra a história, resgata e dignifica os que caíram. Assim, o tempo e a *Plaza* passam a simbolizar uma representatividade discursiva, na qual os atos do passado se metamorfoseiam, o passado e o espaço público se fundem num “lugar/problema de onde se assinalam os vazios das histórias oficiais.”⁴ (ACHUGAR, 1996, p. 850).

Vítimas da orquestra macabra desempenhada pelo golpe de 1976, as *Madres*, com seus corpos ocupando o espaço público, passam a questionar as linhas da narrativa política argentina, cuja memória representa a operação de mecanismos de censura, rasura e exclusão. A história, nessa perspectiva de apagamento de suas fissuras, é reescrita “(...) com cada mudança do quadro governamental e pede que os leitores da enciclopédia eliminem por si mesmos aquelas páginas convertidas em indesejáveis” (TODOROV, 2000, p. 12).

Através das supressão/conservação de fatos que podem ser narrados, a historiografia oficial seleciona a memória escrita acerca desse tempo, um artifício que tentará retirar de suas linhas as personagens que não podem pertencer ao imaginário de um país em paz (baseado no silêncio e na obediência). O mesmo discurso que elide os desaparecidos pela oposição política qualifica as *Madres* como subversivas, terroristas, loucas e inimigas da nação. Entretanto, as feridas seguem abertas, e a *Plaza* é o palco onde elas serão expostas.

A data da primeira agrupação das mães na *Plaza de Mayo* é 30 de abril de 1977. Desesperadas por notícias de seus entes desaparecidos, elas se reúnem nesse espaço de poder, na esperança de entregar uma carta ao General Jorge Videla. Sem o embasamento político de seus filhos desaparecidos, essas mães – a maioria donas de casa, o que marca ainda mais a presença da esfera privada – queriam apenas saber o que se passava com os (até então para elas) detidos.

No livro *Las locas de Plaza de Mayo* (1983), do jornalista francês Jean-Pierre Bousquet, podemos encontrar os primeiros relatos sobre a relação entre as mães e a *Plaza*, uma relação que surge da necessidade, *a priori*, de serem vistas. Composto por testemunhos, histórias e recortes de notícias oficiais, o livro apresenta uma passagem de 1977 que ilustra o mote daquelas reuniões semanais, encontros que decorrerão na formação do movimento *Madres de Plaza de Mayo*: “Nós não fazemos manifestações, viemos testemunhar nossa dor, tiraram nossos filhos, pedimos ao governo que nos digam onde estão, o que lhes passou”⁵ (BOUSQUET, 1980, p. 48).

Não sendo atendidas e, posteriormente, sendo reprimidas por seus semanais encontros na *Plaza*, elas vão tomando dimensão do perigo que representava o *páthos* entoado neste cenário fortemente controlado. Entretanto, elas não se intimidam, e o número de mães aumenta. O que a princípio se constituía por 14 mulheres cresce, tornando-se um movimento de mais de 200 personagens já investidas de seu papel político-social de *Madres*.

Inicialmente, a voz testemunhal das *Madres* se configura como o “*testis*, terceiro elemento na cena jurídica, capaz de *com-provar*, *certificar*, a verdade dos fatos” (SELIGMANN-SILVA, 2004, p. 18). Ao serem reprimidas, será delas o importante dever de reconstituir os fatos, o que farão apresentando, com seus corpos vitimados pelas violentas estratégias de silenciamento, “uma textura do vivido em condições extremas, excepcionais” (SARLO, 2007, p. 61). O desaparecimento de seus filhos possibilita, então, a emergência de mulheres que, forçosamente, abandonam a condição de testemunhas vicárias, representantes, para construir um relato não das torturas do Estado militar, mas das artimanhas empreendidas contra a voz reclamante parida e tonificada pelos corpos insepultos.

Vivo nas memórias e nos ideais que constituem o movimento das *Madres*, o corpo que não foi abrigado na sepultura, simbolicamente, caminha de braços dados a elas na *Plaza*. Nesse lugar de reencontro com os que não puderam testemunhar sobre os abusos ditatoriais, as *Madres* constroem relatos e reescrevem a história. É através do testemunho delas que os assassinos – de seus filhos e de outras *Madres* desaparecidas – poderão ser condenados e a democracia se tornará (mais do que nunca) um direito baseado no “enraizamento de um princípio de reparação e justiça” (Idem, p. 47).

Distanciadas da lógica masculina que opõe a razão ao desejo, o corpo dessas mulheres traz em sua imagem um arquivo afetivo presente na maternidade. Com efeito, o que vemos com a experiência do corpo em luta das *Madres* é um poder oriundo da transgressão, ao permitir-lhes atuar como uma força subversiva, contrária à hegemonia representada pela figura masculina do poder.

“Paridas por seus filhos”, elas são as portadoras de um legado às avessas. Análogo ao percurso de Antígona, as *Madres* desafiam o poder, entregando seu corpo ao combate e resistindo aos “ditames do rei”. Na *Plaza*, elas se reúnem, marcham, rondam e protestam semanalmente. É nesse espaço também que, por mais de 25 anos, elas fazem a “Marcha da Resistência”, um ato no qual os seus corpos desfilam por 24 horas, ao redor da Pirâmide de *Mayo*, entoando a memória e a dor testemunha das violências e abusos do regime ditatorial. Uma cena que se torna parte da paisagem da *Plaza*.

Sobre a conquista desse espaço, é interessante nos reportar a Ulisses Gorini, autor de *La rebelión de las Madres* (2006). Acerca da memória dos tempos de repressão, Ulisses recorda o que representou para elas, efetivamente, a ocupação (durante a primeira “Marcha da Resistência”, em 10/12/1981) dessa paisagem, cujas múltiplas faces refletem o poder:

Não foi fácil para estas mulheres, algumas já de idade avançada, levar adiante a iniciativa. A caminhada foi por si própria cansativa, mas, além disso, se tornou mais desgastante ainda pela pressão da polícia, pelo clima hostil – em algum momento começou uma intensa chuva sobre os manifestantes – e pela intimidação que sofreram durante a noite, quando apagaram as luzes da *Plaza* para tentar assustá-las. (...) Ao ver tudo o que ocorria, um jornalista francês, Jacques Deprés, disse às

Madres algo que lhes pareceu dar um sentido a todo o terrível esforço que estavam fazendo: “Se vocês permanecem toda a noite, nunca poderão tirá-las da *Plaza* (GORINI, 2006, p. 481)⁶.

Essa perspectiva da *Plaza* das quintas-feiras, então, guarda em si uma semente que se desenvolveu nessa área baldia a que seu espaço pôde corresponder, por nele haver germinado um sentimento invencível, a atitude incompreensível, porém resistente das *Madres* reclamantes por seus filhos. Uma cultura do “ponto cego”, como a definiu Wolfgang Welsch (1995, p. 18), surge, semanalmente, às 15:30, numa paisagem que, além das mais diferentes formas de estetização, preserva em sua agenda um encontro com algo que lhe devolve um caráter genuíno. Esse espaço, conhecido como *Plaza de Mayo*, se redenomina para a cerimônia dos lenços brancos: é *La Plaza de Las Madres*.

Ao contrário dos ponteiros dos relógios, elas caminham lentamente em busca da justiça. Nesse espaço heterotópico (FOUCAULT, 1984), a ruptura com o tempo é a proposta performática que as *Madres* desempenham há mais de 1.600 marchas e rondas semanais. Em seus passos anti-horários, os minutos e as horas se ressemantizam numa heterocronia que recupera questões e feridas que nunca poderão ser esquecidas. Numa imaginária esquina entre a luta e a resistência, elas rumam em direção à reconstrução da memória de seus filhos e de um país maculado pela mentira.

A Plaza da memória: o corpo e o mito

Simbolicamente, Pelagea Wlassowa, personagem de *A Mãe*, de Bertolt Brecht⁷, e Antígona, da tragédia homônima de Sófocles, se encontram na paisagem da *Plaza* que abriga as *Madres de Plaza de Mayo*. A primeira marcha; a segunda ronda, com Polinices e outros desaparecidos estampados em seu corpo. Tais personagens não se falam; entre elas há um espaço de pouco menos de 20 metros, distância suficiente para separar suas ideologias e, ao mesmo tempo, aproximá-las na dor. Se Antígona é movida pelo luto e pela incansável procura do corpo insepulto, Pelagea o é pela luta de Pavel (o filho assassinado pela polícia russa) e de tantos outros que não podem ser enterrados com seus ideais. Viva, é dela o dever de fazê-los renascer em seu ventre, em sua memória e em sua voz.

Numa perspectiva metafórica, possível pela recuperação literária de duas importantes personagens – Antígona e Pelagea – podemos traçar uma análise comparativa entre o que hoje representa a divisão interna do movimento das *Madres de Plaza de Mayo*, aspecto que deu origem às diferentes manifestações da dor decorrente da impossibilidade de prantear o corpo, abrigá-lo numa sepultura e, sobretudo, exigir justiça e verdade. Divididas, elas rondam e marcham, respectivamente, como *Línea Fundadora* e *Asociación Madres de Plaza de Mayo*.

Sobre este importante marco para o movimento, bem como sua representação no espaço da *Plaza*, vale recuperar algumas questões que culminaram na separação das *Madres*, atreladas a um período de transformações na situação política da Argentina. Após um longo período de amadurecimento ideológico das *Madres*, emerge o princípio de “Socialização da Maternidade”, um processo que abarca a idéia de que todos os filhos pertencem a todas elas e, neste sentido, equiparam-

se o afeto, a luta e o reconhecimento. Mesclado com elaborações conceituais de grande profundidade e produtividade histórica, esta maternidade socializada começa a entrar em conflito; primeiro, com as intenções do poder ditatorial e, posteriormente, com o governo constitucional, a partir da reclamação coletiva referente à política de exumação dos cadáveres, aos que se requisitam uma identificação individual e criteriosa.

As *Madres*, então, discordam sobre a questão acerca do desenterro de milhares de restos humanos, uma vez que isso poderia representar o retorno da busca individual, a incansável luta de cada uma à procura dos ossos de cada filho, além do conseqüente enfraquecimento do movimento, configurado por seu poder de resistência e enfrentamento ao poder opressor.

Em relação a esse aspecto, cabe ainda mencionar que as representações de vida sempre foram mais presentes nas performances das *Madres*, ou seja, a discursividade criada para preencher o vazio deixado pelo desaparecimento forçado de seus filhos remete aos ideais, aos sonhos dos detidos-desaparecidos, ao elaborar também uma nova biografia capaz de se sobrepor à narrativa propagada pela teoria dos “dois demônios”⁸.

Frente aos conflitos internos, o movimento se divide. Em 16 de janeiro de 1986, oito *Madres* egressam da *Asociación* e constituem a *Línea Fundadora*. Seus símbolos, aparentemente os mesmos, adquirem novos significados e redefinições ideológicas. Assim como eles, seus princípios e discursos marcarão o posicionamento político de cada uma delas.

Os lenços brancos – característicos desde a constituição do movimento por se remeterem à memória das fraldas de seus filhos, bem como uma maneira de serem reconhecidas – recebem as inscrições “Aparição com vida”, bordadas à mão pelas *Madres* da *Asociación*, um frase que requisita uma revisão jurídica ao que foi feito com os detidos-desaparecidos. Por outro lado, a *Línea Fundadora* segue com seu luto, configurado nos nomes e na data de desaparecimento de seus filhos. Junto a essa imagem de presentificação do corpo insepulto, elas carregam as fotos no pescoço e em broches, ostentando a incurável ferida deixada pelo regime de terror.

A paisagem da *Plaza* é o palco dessas diferenças. Confirmada a sua pluralidade nesse encontro semanal dos dois movimentos, o que vemos, também, é a representação simbólica de um momento na luta das *Madres* da *Asociación*, em que a dor sai do martírio da cruz para se reproduzir no bordado, no ponto cruz que tece letra por letra e dá forma à frase, cuja ideologia é baseada no discurso e no posicionamento ético. Ao falar que seus desaparecidos seguem vivos em sua luta, e esta passa a representar os ideais dos próprios filhos, elas põem em marcha a construção de um panorama que ultrapassa os limites da *Plaza*. Outras paisagens passam a servir de espaço para o plantio e para a colheita dos sonhos e utopias de seus seres queridos, dignificados em seus corpos. “Paridas por seus filhos”, elas voltam a pari-los para que se tornem exemplos de luta por um país com paisagens mais dignas.

Com efeito, a imagem política que elas incorporam – ao se conscientizarem de sua presença como paradigma de resistência – em muito se assemelha ao percurso de formação intelectual da

personagem de Brecht, Pelagea Wlassowa. Em contextos distintos, esse encontro simbólico se agrega à imagem da *Plaza*, ao mesmo tempo palco e expectadora das transformações sociopolíticas dessas mulheres que há trinta anos redesenham seu espaço e sua noção de cartografia de poder.

Antígona segue em seu luto. Seu silêncio é a luta pela memória de um corpo que precisa de abrigo. Plural, a *Plaza* de quinta-feira esperas às 15h e 30 min para a ronda ao redor de sua paisagem. Ali, em sua dor, Polinice, Pavel e os 30 mil desaparecidos renascem para confirmar o trágico percurso desempenhado nesse espaço, no qual “a ordem visível, com sua grade permanente de distinção, é agora somente um brilho superficial sobre um abismo” (FOUCAULT, 1970, p. 251. In: CORREA & ROSENDAHL, 2004, p. 99).

Referências bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. Repensando la heterogeneidad latinoamericana (a propósito de lugares, paisajes y territorios). *Revista Iberoamericana*, v. 62, 1996, p.845-861.

BRECHT, Bertolt. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2004.

BOUSQUET, Jean-Pierre. *Las locas de Plaza de Mayo*. Buenos Aires: El Cid, 1983.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Paisagens, textos e identidade*. Rio de Janeiro, Eduerj, 2004.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Ditos e Escritos*. v. 3. Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

GORINI, Ulises. *La rebelión de las Madres. Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. T. 1. (1976-1983). Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2006.

MADRES DE PLAZA DE MAYO. *Cantos de vida, amor y libertad*. Buenos Aires: Rafael Cedeño, 1985.

———. *Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Buenos Aires: Asociación Madres de Plaza de Mayo, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *O laboratório do escritor*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 1994.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. *Revista Iberoamericana*, v. 62, 1996, p.733-744.

SARLO, Beatriz. Política, ideología y figuración literaria. In: BALDERSTON, Daniel et all. *Ficción y política: la narrativa argentina durante el proceso militar*. Buenos Aires: Alianza Estudio, 1987.

———. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

———. *Tiempo Presente. Notas sobre el cambio de una cultura*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2001.

_____. *Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. As literaturas de testemunho e a tragédia: pensando algumas diferenças. In: FINNAZI-AGRÒ, Ettore; VECCHI, Roberto (org.). *Formas e mediações do trágico moderno. Uma leitura do Brasil*. São Paulo: Unimarco, 2004.

SIGAL, Sílvia. *La Plaza de Mayo: una crónica*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Tradução de Miguel Salazar. Buenos Aires: Paidós, 2000.

WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda ou A respeito da atualidade do estético. *Porto Arte*: Porto Alegre, v.6, n.9, 1995, p.7-22..

Notas

¹ "Y si el mundo sobrevive, los profesores de historia explicarán el siglo XX a través de sus símbolos: mostrarán a sus alumnos la botella de Coca-Cola, la pelota de fútbol, el televisor, la computadora, la bomba de neutrones. Y para explicar la dignidad, mostrarán el pañuelo blanco de las rondas de Plaza de Mayo." (As traduções dos textos são de minha autoria).

² Os vocábulos *Plaza* e *Madres* permanecem com sua grafia em espanhol a fim de conservarmos as imagens semânticas que deles provêm.

³ Termo usado para os que nasciam na América Latina colonial

⁴ "un lugar/problema desde donde señalar los huecos de las historias oficiales".

⁵ "[...] nosotras no hacemos manifestaciones, venimos a testimoniar nuestro dolor, nos han quitado nuestros hijos, le pedimos al gobierno que nos diga dónde están, lo que les pasó."

⁶ "No fue fácil para estas mujeres, algunas ya de edad avanzada, llevar adelante la iniciativa. La caminata fue de por sí agotadora pero, además, se volvió más extenuante aún por la presión de la policía, el clima hostil – en algún momento se largó una intensa lluvia sobre los manifestantes – y la intimidación que sufrían durante la noche, cuando apagaron las luces de la Plaza para intentar asustarlas. (...) Al ver todo lo que ocurría, un periodista francés, Jacques Deprés, les dijo algo a las Madres que pareció darle sentido a todo el terrible esfuerzo que estaban haciendo: "Si ustedes permanecen toda la noche, ya nunca podrán sacarlas de la *Plaza*".

⁷ Publicada em 1931, a peça é baseada no romance homônimo do escritor russo Máximo Gorki, escrito em 1907. A escolha pela obra do teatrólogo alemão é por se tratar de um texto dramático, assim como as tragédias presentes em nossa análise.

⁸ "Teoria dos dois demônios" representa a narrativa criada durante os primeiros anos da abertura democrática, quando os atos de violência desempenhados pelo regime militar eram comparados às ações das organizações de guerrilha, como os Montoneros e o Exército Revolucionário do Povo (ERP). De acordo com essa idéia, as ações do exército argentino e as dos guerrilheiros afetaram os que estavam envolvidos e os cidadãos comuns. Nessa perspectiva, os "dois demônios" se equiparam em crueldades, minimizando, assim, as ações assassinas, covardes e hediondas realizadas pelas Forças Armadas Argentina.